

“Por uma cidade que eu possa ter liberdade de ser quem sou”: o medo e resistência da população LGBTQIA+ no município de Pelotas

Pedro de Moura Alves¹
Tiaraju Salini Duarte²

Resumo: Viver na cidade é experimentar o encontro de corpos que estão a se mover com velocidades e ritmos diferentes, os quais produzem discursos, espaços de disputas e múltiplas ações coletivas de solidariedade. Através do cotidiano urbano e suas diversas interfaces é que a presente pesquisa constrói seu objetivo geral em que analisa a formação de territorialidades do medo e de resistência LGBTQIA+ na cidade de Pelotas/RS. Como aporte metodológico, a pesquisa divide-se em etapas. A primeira consistiu em uma revisão de literatura, traçando um quadro teórico que a estruturou conceitualmente e sustentou o seu desenvolvimento. O segundo momento foi a elaboração de um questionário estruturado sobre o medo da/na cidade e as formas de violência vivenciadas pela população LGBTQIA+. Para a aplicação do mesmo, foi utilizada a plataforma de formulários *google docs* e a sua divulgação foi por meio da rede social Facebook através da escolha de grupos focais, totalizando 193 respostas. Os resultados foram analisados a partir da teoria da Análise do Discurso (AD). Como resultados podemos compreender que determinados grupos produzem discursos que buscam legitimar a posse não somente de recortes do espaço urbano, mas também sobre corpos, provocando medo às comunidades LGBTQIA+. Como reação a esse movimento, constatamos como o público LGBTQIA+ busca compor estratégias para ocupar e se apropriar de determinadas áreas, constituindo territorialidades de resistência, e formas de (sobre)viver na cidade.

Palavras-chave: territorialidades; resistência; lgbtqia; cidade.

1. INTRODUÇÃO

No espaço urbano, diversos poderes atuantes inscrevem realidades através de múltiplos discursos, os quais fazem parte do viver o cotidiano de

¹ Universidade Federal de Pelotas - moura@live.com. Cel (51) – 996301926.

² Universidade Federal de Pelotas - tiaraju.ufpel@gmail.com). Cel (53) – 981007995.

uma cidade. Deste modo, pensar a construção ideológica destas relações, torna-se imprescindível para compreender que a produção e o existir do espaço urbano são permeados por valores que atribuímos historicamente aos grupos sociais. A pergunta trazida para análise no artigo versa sobre o medo da/na cidade e as possíveis formas de violência vivenciadas pela população LGBTQIA+ e suas estratégias de resistência.

Ao refletir sobre espaço urbano, o autor Henri Lefebvre (1991) analisa que este é modelado e ocupado pelas atividades sociais no decorrer de um tempo, fruto de relações socioespaciais, revelando que a realidade é produzida pela mediação de processos históricos. Logo, o espaço urbano não pode ser visto apenas enquanto um mero receptáculo, mas como um palco de intensos conflitos no qual ocorrem as ações humanas.

Um dos elementos que compõem a dinâmica do espaço urbano e perpassa os corpos são os discursos, considerando que esses são práticas geradoras de significados, que se apoiam em regras históricas para estabelecerem o que pode ser dito, num certo campo discursivo e num dado período (FOUCAULT, 1988). O discurso se concebe como efeitos de sentidos e de verdades, por entender que na linguagem não existe uma transparência e neutralidade. Esses efeitos derivam de uma relação não unilateral entre enunciador e enunciatário, composto de processos históricos que são atravessados pela construção simbólica de determinados arranjos sociais.

Em certas condições, os sujeitos são afetados por sua memória discursiva, isto é, por informações já ditas, produzindo sentidos a partir de normas sociais que se refletem em suas performatividades e na (re)produção do espaço urbano. Logo, as performatividades se estendem a todos os campos da vida política, criando vidas que são ou não viáveis dentro dos limites que se instauram o poder.

Assim, as reproduções de normas de gênero e sexualidade são sempre uma forma de negociação com os discursos que constituem as estruturas de poder que condicionam quais vidas terão espaço e quais terão pouco ou nenhum lugar na sociedade. Segundo Butler (2009, p. 11).

A teoria da performatividade de gênero pressupõe que as normas atuam sobre nós antes de termos a chance de agir de alguma forma, e quando agimos, recapitulamos as normas que agem sobre nós, talvez de maneiras novas ou inesperadas, mas ainda em relação às normas que nos precedem e nos excedem.

A partir disso, a performatividade de determinados corpos está restrito às normas e aos discursos de poder que vigoram, e para Butler (2009) o que “eu” desejo é produzido somente em relação àquilo que é desejado que “eu seja”, não havendo por completo a ideia de “meu próprio” desejo. Esta analisa e pressupõe uma perspectiva relacional, assim, a “minha” vontade sempre está em um campo de negociação com os discursos que visam aquilo que me foi desejado.

Dentro desta discussão, podemos compreender que se produz nas cidades discursos responsáveis por reforçar determinadas performatividades de sexualidade e de gênero (BUTLER, 2003), os quais culminam também para a construção de territórios do medo, construindo, por exemplo, o padrão/modelo de ocupação/convívio urbano em que determinados atores não são “bem-vindos”. O território pode ser visto como uma relação de poder no qual se projeta/produz delimitações materiais e simbólicas, as quais atingem e influenciam pessoas, fenômenos e relacionamentos (SACK, 1986).

Esse conjunto de práticas, que visam controlar um dado recorte espacial, pode ser compreendido através da formação de territorialidades, os quais no espaço urbano tornam-se permeáveis e cíclicos (SOUZA, 2013). Permeáveis pois não representam uma unidade única, sendo atravessados por diversos discursos que compõe o cotidiano de uma cidade, evidenciando os múltiplos conflitos sociais existentes na sociedade; Cíclicos tendo em vista que os mesmos são gerados em determinados momentos e, a posteriori, esfacelam-se para iniciar o movimento novamente. Contudo, a desconstrução momentânea de um determinado processo de territorialização, simbolicamente, permanece no imaginário social.

A estruturação cotidiana que forma territórios nas mais diversas áreas de uma cidade confere a essas uma função simbólica, estando intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam, se organizam e dão significado a esse espaço. (HAESBAERT, 2004, p. 3). Frente às discussões que envolvem o espaço urbano e a produção de territórios do medo, o presente artigo elenca como seu objetivo geral analisar a formação de territorialidades de medo e resistência das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers e Intersexuais e as demais intersecções da população LGBTQIA+ no espaço urbano da cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

O presente artigo possui como metodologia uma revisão de literatura, onde foram buscados em artigos, revistas acadêmicas, anais de even-

tos, livros, informações que contemplem os assuntos da área da geografia urbana, (multi)territorialidade e populações LGBTQIA+. Desta forma, foram escolhidas alguns autores, sendo eles:

O teórico Henri Lefebvre (1991), através de discussões sobre a cidade e o espaço urbano, o qual apresenta-se como um espaço modelado, ocupado pelas atividades sociais no decorrer de um tempo histórico, sendo fruto de relações socioespaciais e possibilitando revelar a realidade social produzida pela mediação de processos históricos

Sobre a temática do discurso foi utilizado Michael Foucault (1995). Este autor considera que discurso não pode ser visto apenas enquanto signos, mas enquanto “práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 60). Logo, as palavras se relacionam de maneira complexa, se constituindo enquanto uma relação histórica, repleta de construções e interpretações.

Para abordar performatividade é utilizado Butler (2019) através de suas análises sobre gênero e sexualidade integram-se fisicamente por meio de atos performativos. Nestas não se trata de algo com que se nasce, nem algo que se possui, mas algo que se faz, algo que se desempenha através da linguagem (BUTLER, 2019). Portanto, refuta-se a ideia de que o sexo biológico seja anterior ao gênero, ao passo que nossas identificações, com homens e mulheres, não são advindas de uma essência biológica, mas sim uma ordem discursiva sobre gênero que são repetidos diariamente. Entende-se que essas regras frequentemente repetidas no decorrer da vida social, por muitas vezes, acabam influenciando os indivíduos a viverem nelas.

Por fim, utiliza-se de Rogério Haesbaert (2009) e Sack (1986) para discutir o conceito território e multiterritorialidades, o qual é analisado sob uma abordagem multifacetada, apresentando o sentido de dominação e apropriação do espaço que se dá tanto no âmbito material quanto simbólico.

Após revisão de literatura, buscou-se desenvolver um trabalho de campo que possibilitasse analisar a perspectiva do medo no espaço urbano na cidade de Pelotas/RS pela população LGBTQI+. Neste sentido, foi elaborado um questionário estruturado misto sendo a combinação de perguntas fechadas e abertas. Para a aplicação do mesmo, foi utilizada a plataforma de formulários *Google Docs* e, como meio de divulgação, utilizamos a rede social *Facebook* através da escolha de grupos focais, totalizando 193 respostas. Como recorte desta pesquisa optou-se por trazer as perguntas de caráter dissertativo em que os respondentes tivessem a liberdade de apresentar seus relatos e expor as percepções sobre o urbano.

Para analisar as respostas foi utilizado como metodologia Análise do Discurso (AD) sendo constituindo enquanto uma metodologia de leitura de texto que tem como objeto de estudo o discurso, possuindo instrumentos teóricos e metodológicos que permitem ao analista incorporar as condições históricas e ideológicas em que determinado discurso foi produzido. Para Gregolin (1995), a AD dedica-se não somente a entender e explicar como se constrói o sentido de um texto, mas também como este se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e temporal, sendo assim necessita a análise desses dois elementos simultaneamente

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

3.1 ENTRE TERRITÓRIOS E A PRODUÇÃO DO MEDO NO ESPAÇO URBANO.

O viver no urbano é experimentar o encontro de corpos que estão a se mover com velocidades, ritmos e poderes que atuam na sua construção, constituindo-se enquanto um espaço de disputa por diferentes atrações que o compõem, ou seja, pelos jogos e representações muitas vezes imperceptíveis do viver. Sendo assim, pensar no urbano é procurar entender inquietudes humanas que preenchem seus espaços, seja como forma de resistência ou de transformações daqueles e daquelas que nele percorrem.

Para Corrêa (2001) o espaço urbano se constitui enquanto um conglomerado de fragmentações paisagísticas articuladas entre si, que se sustentam enquanto reflexo das condições inseparáveis a esse espaço sob o aspecto de um campo de componentes simbólicos, de lutas sociais e das relações das diversas formas de poder que o moldam. Logo, percebe-se que determinadas estruturas se formam por processos contraditórios, construindo hierarquizações espaciais e projetando relações de poder, as quais em sua maioria são derivadas de discursos produzidos por grupos hegemônicos.

Dante dessas construções, o espaço urbano pode ser compreendido como produto/produtor de valores culturais, sociais, econômicos, dentre outros, que atribuem aos mais variados indivíduos e seus grupos determinadas normativas. Estas buscam esquadrinhar corpos (FOUCAULT, 2019), afetando identidades e, em alguns casos, tornam-se mecanismos

não somente da negação e subalternização de atores sociais, mas também de determinados recortes espaciais da morfologia urbana.

Conforme Lefebvre (1991), a vida na cidade pressupõe encontros e desencontros, sendo o confronto entre os diferentes conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos distintos indivíduos que compõem o urbano. Assim, a partir das relações de trabalho e as transformações decorrente delas, os atores sociais criam/assimilam ideias e valores que permeiam suas relações vividas. Em virtude disso, a cidade não se mantém estática perante as transformações de pensamento, sendo moldada a partir de determinados discursos e grupos.

Corrêa (1993) afirma que o espaço urbano é ao mesmo tempo fragmentado e articulado, através da informação, transporte, mercadorias e pelas relações sociais. Essas últimas são entendidas também através da perspectiva simbólica, podendo haver um ou mais elementos que influenciam certas decisões comportamentais e práticas discursivas que constroem diariamente as dinâmicas espaciais urbanas, produzindo de um lado o processo de identificação e de outro a exclusão e medo a determinados grupos.

Mesmo com a multiplicidade de formas e meios pelos quais a cidade se expressa e pode ser lida ou sentida, é permanente a tentativa de impor uma “marca” por meio de discursos que padronizam e sintetizam a identidade daqueles que a ocupam. Há na construção dos discursos dominantes em que produzem o espaço urbano uma intensa busca pela linearidade que sombreia, invisibiliza e suprime todos os comportamentos considerados dissensos, ou seja, aqueles que não seguem o padrão social pré-estabelecido e “aceito” socialmente.

Sendo assim, há uma constante busca por uma imagem identitária da cidade que promova discursos que prezam pelo consensual, suprimindo todas identidades consideradas dissidentes. Doravante, almejando a proteção dos valores das classes produtoras destes discursos, edifica-se uma série de ações territorializadas no espaço (que muitas vezes são representadas pela repressão física, psicológica, institucional, entre outras), as quais atingem aqueles e aquelas que estão à margem das normas da sexualidade e da identidade de gênero padrão.

Conforme Foucault (1995, p. 8), há um regime de verdade construído através de ações discursivas, uma vez que “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”. Podemos compreender o discurso relacionado ao gênero e a sexualidade enquanto “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que

definem um determinado período, uma área social, econômica, geográfica ou linguística” (FOUCAULT, 2005, p. 153). A partir de disso, podemos compreender a hipótese de que nas sociedades existem o controle, seleção, organização e redistribuição na produção do discurso, cuja consequência remete na imposição e conspiração sobre determinados grupos

A análise dos procedimentos discursivos considera os modos de interdição e de controle que vigiam a descontinuidade, a pluralidade e a dispersão dos sujeitos. Neste sentido, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2004a, p. 9).

Logo podemos pensar na performatividade sendo justamente a prática de reiteração dos discursos produzidos pelas normas regulatórias, o modo pelo qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (BUTLER, 2009). Sendo assim, a performatividade na cidade nunca é um ato isolado e pessoal, mas uma ratificação das normas, dos padrões socioculturais discursivamente estabelecidos, se constituindo enquanto práticas regulatórias que exercem seu poder para normatizar todo o corpo social. Butler (2009) expressa que os corpos são efeitos de uma dinâmica de poder, que a construção do sexo e sexualidade também opera com uma norma cultural que governa a materialidade em que a cis-heteronormatividade³ possibilita a existência de determinados corpos como humanizados e outros corpos como desprezíveis por não seguir uma normativa social.

Assim, delimita-se também o espaço urbano através de discursos, construindo fronteiras invisíveis a olho “nu”, mas que circunscrevem quais corpos pertencem a determinadas áreas da cidade. Quando sujeitos considerados “inapropriados”, como por exemplo a população LGBTQIA+, saem de seus “locais” e passam a ocupar espaços que “não pertencem” rompe-se limites discursivos, ocasionando um conflito social. Através da materialização desses discurso, mediante ações de violências simbólicas e físicas, é que eles/elas/elus serão lembrados/as/es de suas posição de um grupo que está às margens, segregando essas populações e gerando os territórios de medo.

A discussão sobre o medo permite abordagens muito distintas, para Tuan (2005) é um sentimento no qual se distinguem dois compo-

3 Cis-heteronormatividade é uma palavra utilizada para designar a norma, aparelho de imposição cisgênera e heterossexual pela qual se pressupõe que todas as pessoas são cisgêneras e heterossexuais e assim permanecerão o resto da vida.

nentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme por ser um evento inesperado e impeditivo no espaço, cuja resposta instintiva entre enfrentar ou fugir. A ansiedade, por outro lado é a sensação difusa de medo, caracterizando-se pelo pressentimento de perigo, uma habilidade de antecipação, comumente acontecendo quando se está em ambiente estranho, longe do território sob domínio.

Logo, o sentimento de medo que reside na população LGBTQIA+ e que paira sobre a cidade é derivado do discurso padrão/modelo de ocupação/convívio urbano, o qual se estabelece através da linearidade das relações binárias entre masculino e feminino, heterossexuais e cisgêneras (indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”), excluindo e marginalizando outros processos de identificação (BORGHYI, 2015). Logo, falar sobre territórios do medo é pensar as relações conjuntas entre dominação e apropriação do espaço, considerando as relações de poder em sentido amplo (material e simbólico). Para Haesbaert (2004), todo território ao mesmo tempo possui diferentes combinações, funcional e simbólico, em que exercemos domínio sobre o espaço tanto para produzir ‘funções’ como também para produzir “significados”.

As próprias práticas cotidianas definidas por um sentimento de medo, quaisquer que sejam, atuam no sentido de formar determinados territórios. Essa perspectiva segundo Haesbaert (2004) ganha abertura a partir das concepções de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, os quais conferem ao território não só uma dimensão física e social, mas também psicológica. Neste sentido, o território é antes de tudo a distância crítica entre dois seres de mesma espécie, é o marcar: “o que é meu é primeiramente minha distância, não posso senão distâncias. Não quero que me toquem, vou grunhir se entrarem no meu território, coloco placas” (DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 127).

Portanto, o medo ao se territorializar no indivíduo, estabelece atitudes que possibilitam a diminuição da sensação de segurança, como evitar transitar e permanecer em determinados locais. O medo se territorializa no corpo da cidade: nas praças, ruas, espaços públicos, etc. os quais serão entendidos como “perigosos” pela comunidade LGBTQIA+. Devido a isso, as práticas socioespaciais destes grupos são alteradas, principalmente no ato de evitar o uso desses espaços, configurando os mesmos como “territórios do medo”. Sendo assim, determinados discursos constituem a marginalização e a violência de partes da ocupação urbana contra a população LGBTQIA+.

3.2 O ESPAÇO URBANO DE PELOTAS: TERRITÓRIOS DE MEDO E DA RESISTÊNCIA

Pelotas é um município localizado no sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, e conta com uma população estimada em 2020 de 343.132 habitantes, de acordo com dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Hoje o município possui 1.610 km², com 95% da população vivendo na área urbana (IBGE, 2010).

A cidade é considerada nacionalmente como a cidade dos gays, sendo um folclore que se institucionalizou a partir de sua formação no Século XIX, quando a região era composta por grandes fazendeiros e produtores de charque, os quais mandavam seus filhos estudar nas Universidades da Europa e, voltavam com hábitos diferenciados de viver (MAGALHÃES, 1993). Estes eram considerados diferentes dos que permaneciam na região, por serem jovens com outros costumes passando a serem vistos como homossexuais. Compreendemos então que os discursos cravados no imaginário social nos remetem a uma história que ainda está presente no sentido pejorativo, sendo um estigma que não se estruturaria como problema se fosse visto com um olhar sem preconceitos.

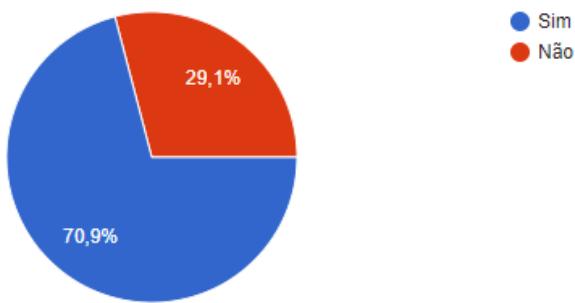
Pelotas é uma cidades de Gays, mas também, de Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers e Intersexuais e as demais intersecções que compõe a comunidade LGBTQIA+. Estes grupos sociais buscam existir e resistir às opressões vivenciadas cotidianamente nos diferentes espaços construídos através da violência e intimidação, todavia, o medo terá múltiplas territorializações e modos diferentes de se expressar por atitudes e comportamentos no contexto Pelotense.

Dentro desta conjuntura trazemos para o debate alguns dados da pesquisa de campo, os quais demonstram que do total de entrevistas (193 entrevistados), mais de 70% apresentam temor de determinados lugares da cidade.

Gráfico 1 - Você sente medo de alguns lugares da cidade?

11 - Você sente medo de alguns lugares da cidade?

196 respostas



Fonte: Organizado pelos autores.

O gráfico nos remete para uma triste realidade, a qual demonstra que o contexto urbano é fruto de ordens discursivas que reprimem corpos devido a produção de uma normatividade corpórea. Ao perguntarmos quais seriam os lugares em que sentiam-se inseguros, trazemos a fala da entrevistada A (mulher-cis, bissexual de idade entre 21-25 anos) em que afirma: “*acho que não tenho um lugar específico, mas não me sinto 100% segura fora de casa fico controlando horários para poder voltar mais cedo ou cálculo rotas onde sei que têm mais pessoas a vista caso aconteça algo*”.

Através deste relato, podemos observar que o medo faz parte do cotidiano da comunidade LGBTQIA+, alterando o cotidiano e a dinâmica espacial destes atores. O viver o urbano está vinculado diretamente ao grupo de pertencimento e ao seu enquadramento social, sendo que este delimita sua mobilidade urbana. Outros relatos destacam o desconforto em espaços onde existe a predominância de casais héteros ou com muitos homens héteros, como na fala da entrevistada B e da entrevistada C: “*receio de ir em determinados bares e roles heterotop.*” (mulher-cis lésbica com idade entre 21-25 anos); “*lugar com grupos de homens cisheterossexuais*” (mulher travesti heterossexual com idade entre 21-25).

Podemos observar o medo como uma estratégia para que ocorra a manutenção das relações de poder em que os “desviantes” das normativas de gênero e sexualidade precisam ser constantemente repreendidos ou até mesmo eliminados, sendo para Foucault (1995) uma prática de ‘biopolítica’ em que este considera uma série de tecnologias de poder que buscam controlar a vida das populações, delimitando diferentes modos existir.

Outra característica que podemos notar nas entrevistas relaciona-se a mobilidade espacial através da formação de territórios “em movimento”, os quais são construídos através do deslocamento pela morfologia urbana, conforme destaca a entrevistada D: *“medo de lugares com o publico majoritariamente cishet porem não fico sozinha estou sempre junto de amigues me sinto segure com elus”* (pessoa não-binária, pansexual e de idade entre 21-25). Caracterizamos estes territórios através da perspectiva do viver e deslocar-se pela cidade em grupos, os quais constroem um sentimento de segurança ao transpor os limites dos territórios do medo.

Assim, a depender das condições espaciais e sociais haverá uma organização distinta entre a insegurança (e estar vulnerável a um determinado perigo) e a sensação de segurança ao viver o urbano. Podemos observar que o deslocamento coletivo pulveriza o sentimento de angustia desenvolvendo, a partir das estratégias solidárias, formas de resistência da população LGBTQIA+, as quais possibilitam transitar na cidade rompendo as fronteiras dos limites discursivos.

A partir dos questionamentos da pesquisa foi possível analisar também questões associadas à construção de múltiplas relações afetivas que essa população constrói e que se manifesta nos deslocamentos e ocupação desses grupos, configurando estratégias de resistência na cidade. Ao questionarmos “quais seriam os lugares que os respondentes se sentiam seguros/as/es na cidade” podemos observar determinadas continuidades nas falas, como: “Espaços abertos”, “casa de amigues”, “faculdade”, “casa de pessoas que me amam de verdade”, “coletivos feministas, “onde eu esteja com meus amigos e em grupo”,

Logo, pensar nas relações da comunidade LGBTQIA+ denota a formação de identidades compartilhadas que se aproximam por experiências similares e que propiciam múltiplos laços de afetividades/solidariedade, às vezes sendo mais fortes que os sanguíneos. Estas redes de amizade representam a formação de coletividades que unem-se para contrapor a opressão cotidiana e reivindicar espaços do viver na cidade.

Nesta lógica, o transitar e a performatividade LGBTQIA+ nos diferentes recortes do urbano é uma forma de se impor, se fazer visto e ir contra uma força totalitária que direciona a ordem e o controle por meio de discursos. Portanto, a divergência daquilo que é estabelecido enquanto comportamento válido pode produzir opressão através da formação de territórios do medo, mas também estabelece um novo horizonte de criação de caminhos para a transformação da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos hegemônicos que compõem o espaço urbano buscam limitar a mobilidade, gestos, afetos da população LGBTQIA+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo da violência. A “higienização” e a “limpeza” da cidade vão ganhando contornos através da projeção das relações de poder que configuram territórios do medo, os quais limitam o viver a cidade por parte da população LGBTQIA+.

Doravante, analisamos no decorrer da pesquisa que existe na cidade de Pelotas/RS a formação de territórios do medo das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers e Intersexuais e as demais intersecções da população LGBTQIA+. Neste sentido, na produção do espaço urbano há formação de discursos que buscam construir uma sensação de “verdade” enquanto lógica de organização da cidade, fragmentando a mesma.

No entanto, podemos refletir sobre a constituição das estratégias (territórios de resistência) da comunidade LGBTQIA+ Pelotense a partir de redes, coletivos, amizades que oferecem suporte e proteção entre seus membros, o que favorece que lhes sejam expandidas oportunidades de deslocamento espacial e ampliadas as condições de reação a possíveis represálias. Estas alteram as relações e o modo como eles elaboram os espaços e a maneira como transitam no urbano. Frente às situações de medo impostas a esse público uma das estratégias para lidar com a possibilidade de violência pode ser notada ao delimitarmos a ideia de territórios “móveis”, os quais são representados pelos atores sociais da comunidade LGBTQIA+ através do andar em duplas ou grupos, marcando a forma como eles co-produzem seus movimentos no interior da morfologia urbana.

Pensar em uma cidade democrática significa repensar a distribuição dos corpos no espaço urbano, sob a ótica do Direito à Cidade (LEFE-BVRE, 1991), produzindo locais mais seguros e inclusivos para diferentes públicos. Essas mudanças surgirão a partir do momento em que sejam promovidos debates que versem sobre a diversidade enquanto valor, não sendo marcada por discursos que territorializam o medo através de diversas formas de violência contra a população LGBTQIA+. Logo, buscamos por um urbano em que corpos considerados “dissidentes” da norma sexual e de gênero transitam, habitam e acessam os diferentes espaços que a cidade oferece.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, I. B. G. E. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Censo demográfico**, v. 2010, 2010.
- BORGHI, Rachele. O Espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 133-146, ago./dez. 2015.
- BUTLER, Judith. Performativity, precarity and sexual politics. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, Antropólogos Iberoamericanos, v. 4, n. 3, p. 01-13, dez. 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. p 1-16.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. 1837 – A cerca do ritornelo. In: Mil platôs, v. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 10. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004a.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. O nascimento da prisão. 29. ed. Trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Vozes, 2004b.
- GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39. p. 13-21, 1995.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**, São Paulo: Moraes, 1991.

- MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:** um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPel; Livraria Mundial, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- SACK, R. D. **Human territoriality:** its theory and history. London: Cambridge University Press, 1986.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** São Paulo: Unesp, 2005.